

Espaços de experimentação: potência do encontro, do fazer e a ampliação do repertório de atividades

Patrícia Leme de Oliveira Borba^a, Ana Carolina Costa Savani^{b,c},
Paloma Greicy Ferreira de Sousa^d, Victor Hugo Rodrigues Medeiros^d,
Andrea Perosa Saigh Jurdi^e

^aDepartamento Saúde, Educação e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, São Paulo, SP, Brasil.

^bInstituto “A Casa”, São Paulo, SP, Brasil.

^cNúcleo de Apoio à Saúde da Família – NASF, Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina – SPDM, São Paulo, SP, Brasil.

^dUniversidade Federal de São Paulo – UNIFESP, São Paulo, SP, Brasil.

Resumo: O presente artigo relata o processo vivido e refletido do projeto de monitoria do curso de terapia ocupacional da UNIFESP, Campus Baixada Santista. Tal projeto elegeu o campo da experimentação das atividades e recursos como uma forma de ampliar e integrar os conhecimentos e os conteúdos adquiridos ao longo da formação acadêmica. A dinâmica vivida pautava-se em uma perspectiva ativa dos discentes no processo de experimentação, e conjuntamente ao grupo trabalhavam desde aspectos de como eram afetados pelo encontro e como poderiam trabalhar, a partir daquele recurso, com diferentes públicos. Os principais resultados em torno dessa ação foram: a cultura do encontro entre discentes no Laboratório de Recursos Terapêuticos, a valorização da ‘atividade’ para a ação profissional do terapeuta ocupacional, a apropriação de técnicas e sua exploração para diferentes fins, a ampliação do repertório de atividades e uma maior integração entre os alunos de graduação. Conclui-se que a oferta de espaços de experimentação cria condições potentes para a formação dos estudantes, ampliando possibilidades criativas e de maior engajamento entre pares e com o curso.

Palavras-chave: *Terapia Ocupacional, Formação, Ensino.*

Experimentation spaces: power of meeting, doing and the enlargement of repertory of activities

Abstract: This article reports the lived and reflected process of the monitoring project of the occupational therapy course of UNIFESP, Campus Baixada Santista. This project chose the field of experimentation of activities and resources as a way to broaden and integrate the knowledge and contents acquired throughout academic formation. The lived dynamics was based on an active perspective of the students in the process of experimentation and together the group worked on aspects of how they were affected by the meeting and how they could work, from that resource with different subjects. The main results of this action were: the culture of the meeting between students in the Laboratory of Therapeutic Resources, the valorization of the ‘activity’ for the professional action of the occupational therapist, the appropriation of techniques and their exploitation for different purposes, the enlargement of the repertory of activities and greater integration among undergraduate students. It is concluded that the offer of spaces of experimentation creates potent conditions for the formation of students, increasing creative possibilities and of greater engagement between peers and with the course.

Keywords: *Occupational Therapy, Education, Teaching.*

[...] Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (BONDÍA, 2002, p. 21).

1 O Lugar da Experimentação na Formação

A formação em terapia ocupacional tem sido tema de debates nos últimos anos, o que vem provocando a formulação de novas estratégias de ensino que visam a formação de um profissional com conhecimento condizente com a realidade nacional, e políticas educacionais, nacionais e internacionais que pautam a formação do terapeuta ocupacional no Brasil (BRASIL, 2002; WORLD..., 2002).

Tais políticas vêm passando por reformulações e mudanças que têm provocado o redimensionamento de cursos de graduação. Desde o ano de 2001, as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação da saúde afirmam que a formação do profissional da saúde deveria contemplar o sistema de saúde vigente no país, a atenção integral em saúde e o trabalho em equipe. A partir desses parâmetros, colocou-se a necessidade de que os cursos e universidades revissem suas posições pedagógicas e seus currículos de formação (BRASIL, 2002).

Segundo Furlan et al. (2014), as instituições de ensino superior foram chamadas a repensar seus projetos político-pedagógicos com o desafio de avaliar as práticas de ensino, romper com a tradição de ensino vertical e da transmissão passiva do conhecimento.

A terapia ocupacional, por ter se constituído como campo de conhecimento e de intervenção na saúde, na educação e no campo social, passa a enfrentar o desafio de reformular currículos e práticas de processo educacional a partir de concepções voltadas às necessidades das pessoas, com forte ligação para seus contextos de vida. Isso acarreta, como diz Kastrop e Sancovschi (2013), novos desafios no que concerne à criação de uma política cognitiva de abertura da atenção para as complexas situações da realidade cotidiana e também da invenção de novos procedimentos, de novas práticas e de novas tecnologias de atendimento e de cuidado. Nesse sentido, temos o desafio de pensar e fazer acontecer a formação de um profissional direcionado para o trabalho em equipe de maneira interdisciplinar, que possa analisar a complexidade do contexto social, de modo a trabalhar mais próximo das culturas populares, de constituir redes cuidadoras entre diferentes setores das políticas sociais, de estabelecer relações orgânicas entre estruturas de serviço e estruturas de ensino/formação.

Assim, o curso de terapia ocupacional da UNIFESP tem como eixo do ensino/aprendizagem a integração entre a experiência do fazer, ouvir e sentir ao raciocínio sobre a experiência e seus múltiplos sentidos. Para tanto, aproximar-se dos sujeitos inseridos em seu contexto de vida e transitar pelos fazeres do cotidiano compostos pelas múltiplas ações que garantem a sua existência, coloca para o estudante a possibilidade de integrar SER e FAZER, e dialogar com a experiência humana continuamente, articulando os referenciais teórico-práticos na construção do conhecimento (UNIVERSIDADE..., 2015).

O currículo do referido curso foi planejado numa concepção modular, procurando integrar conteúdos/unidades, em eixos e módulos interdisciplinares. No que se refere ao ensino, prioriza-se a adoção de metodologias problematizadoras e utilizam-se novas tecnologias de informação, estimulando uma postura ativa do aluno na construção do conhecimento e de seu desenvolvimento (UNIVERSIDADE..., 2015).

Nesse processo, sugere-se um elenco de conteúdos voltados à formação interprofissional, prioridade do Campus da UNIFESP – Baixada Santista, porém resguardando-se as recomendações gerais das Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em terapia ocupacional, sugeridas pelo CNE/CES 6, em 19 de fevereiro de 2002. O Projeto Político-Pedagógico do curso de terapia ocupacional, além de estimular o intercâmbio e o trânsito entre as fronteiras profissionais, também articula o ensino, a pesquisa e a extensão/assistência, visando formação para atuação nas áreas da saúde, na esfera social e na educação. Nesse contexto são desenvolvidos conteúdos sistematizados para intervir em diversos cenários, com enfoque na educação interprofissional, habilitando os futuros profissionais para integrarem equipes multiprofissionais.

Os módulos e eixos estão sob responsabilidade de diferentes docentes que partem, na maioria das vezes, de diversas perspectivas de conhecimento, isso nos explicita a riqueza da pluralidade de diferentes modelos epistemológicos, expresso numa grande variedade de teorias e técnicas que os alunos entram em contato ao longo da sua formação.

A opção feita pelo corpo docente do curso de terapia ocupacional é expor o estudante a esta variedade, no sentido positivo de desestimular a naturalização do campo e o dogmatismo doutrinário, mas criar uma situação vertiginosa para o estudante, que se vê diante de uma multiplicidade de ideias que só encontram consistência interna em seu próprio quadro teórico.

Independentemente da posição epistemológica adotada pelo docente, há um consenso no interior do curso da utilização da Atividade Humana como eixo centralizador da construção de todo processo terapêutico ocupacional, independentemente do pressuposto teórico, da clientela e/ou contexto no qual o profissional terapeuta ocupacional esteja envolvido (BRUNELLO; CASTRO; LIMA, 2001). Privilegiar a atividade humana para a compreensão do indivíduo no mundo requer trazer à tona a experiência, o fazer com o outro, assim como estar no mundo com o outro. Portanto, ao falarmos da formação do terapeuta ocupacional, nos referimos às experiências de si no mundo e às experiências de estar e fazer com o outro (FREIRE, 1987).

Partindo deste pressuposto, somado aos resultados das avaliações periódicas junto aos alunos, tem se evidenciado a necessidade de criarmos estratégias que ampliem o contato do aluno com a experimentação prática de técnicas e recursos, e, além disso, que facilitem a interlocução e a integração de conteúdo que o aluno acessa ao longo de sua formação. A partir desses aspectos, apresentamos a proposta do projeto de monitoria para o curso de terapia ocupacional desenvolvido entre os anos 2011 e 2014.

A monitoria consiste em uma atividade acadêmica de natureza complementar, na qual o aluno tem a oportunidade de desenvolver e ampliar os conhecimentos adquiridos na academia por meio do apoio ao docente na condução das disciplinas. Na UNIFESP, o projeto de monitoria não está relacionado a uma disciplina em específico, e sim a um conjunto de disciplinas definidas pelos docentes e discentes que delineiam a proposta do Projeto de Monitoria. Ademais, é proposto um conjunto de atividades que possibilite a participação efetiva dos monitores na integração do conteúdo acadêmico que o curso de terapia ocupacional oferece ao longo dos quatro anos de formação.

A ideia é pensar a monitoria como um campo de atuação e espaço de aproximação com os conteúdos ministrados nos módulos, permitindo a vivência, exploração e inovação das diversas estratégias de ensino utilizadas, favorecendo a menor distância entre a especialização do professor e a formação generalista do estudante, e que resulte não só para os monitores, mas para todo o currículo a possibilidade de incrementarmos diálogos entre os diferentes campos de conhecimento, favorecendo a efetivação prática do que foi concebido para o diferencial da formação no Campus Baixada Santista, e para o curso de terapia ocupacional.

Nesse sentido, entre os anos 2011 e 2014, foi desenvolvido o projeto de monitoria *Atividade em*

foco: favorecendo a ampliação de repertório de atividades e interlocução com eixos e módulos. Nesse projeto estavam as disciplinas que envolvem discussões práticas e teóricas sobre Recursos Terapêuticos, que são Atividades de Vida Diária: Cotidiano; Atividades Expressivas e Não Expressivas; Atividades Lúdicas e Lazer; Tecnologia Assistiva e Abordagem Grupal. E teve como objetivo possibilitar oportunidades de vivência, exploração e inovação das diversas estratégias de ensino utilizadas nos conteúdos dos módulos do curso de terapia ocupacional, por meio de participação ativa em atividades relacionadas ao ensino (planejamento, realização de atividades e avaliação).

2 Sobre as Experimentações

O projeto ofereceu oficinas de atividades com experimentação de diversos recursos para os discentes do curso de terapia ocupacional, possibilitando o uso do espaço do laboratório de recursos terapêuticos, além da valorização da atividade para a ação profissional, que vai desde o conhecimento da técnica até a sua exploração para os diferentes contextos de atuação.

Nesse período, os monitores envolvidos no projeto participaram de supervisões semanais para elaboração das atividades propostas pela monitoria e apresentaram-se aos alunos, a fim de explicar os objetivos do projeto de monitoria e fazer um levantamento das atividades e recursos que os alunos dos diferentes anos da graduação poderiam se interessar e elencar para realização das oficinas. A partir da demanda levantada, foi elaborado um cronograma de oficinas que utilizaram diferentes recursos. Nessas oficinas, de realização quinzenal, havia um docente responsável e cada monitor tinha uma função que rodiziava: de organização da oficina, da aquisição dos materiais necessários, do apoio à condução da oficina e do registro da atividade (escrito e imagético). Foram feitos relatórios de cada oficina, contendo a técnica trabalhada, os materiais utilizados, o proponente da oficina, a quantidade de pessoas, as percepções observadas, sentidas e as discussões críticas no que se refere ao uso do recurso para as diferentes ações em terapia ocupacional. Ao final de cada oficina, o relatório era analisado conjuntamente entre docentes e discentes, a fim de analisar a maneira como a oficina foi proposta e quais os conteúdos emergidos seriam aproveitados para a prática profissional.

Nesse período, os monitores foram responsáveis pelo cuidado com o uso do Laboratório e pela oferta de material teórico aos alunos que se interessavam

em aprofundar conhecimentos em relação ao recurso utilizado.

Importante ressaltar que, com o passar do tempo, além de os docentes coordenarem as oficinas, os próprios discentes monitores se prontificaram a coordená-las com vistas a compartilhar seus saberes específicos em torno de determinados recursos e/ou técnicas. Isso propiciou uma troca mais fecunda entre os alunos, monitores, oficinairos e docentes. Entendemos que no momento em que os discentes têm a possibilidade de coordenar as oficinas, também estão experimentando o papel de coordenador de grupo, o qual é largamente ocupado por terapeutas ocupacionais em seus postos de trabalho.

Ao longo desses anos foram oferecidas diversas modalidades de Oficinas de Atividades, entre elas: estêncil¹, massagem; malabares, macramê, stop motion², camisetas, autorretrato, confecção de pipas; dança; origami; máscara de gesso; fantoche de feltro; fotografia, bonecas de pano, escultura em argila, brinquedos recicláveis, mosaico, tecnologia assistiva de baixo custo, poesia em ímã; culinária, entre outras. Em cada oficina participavam cerca de 20 estudantes e foram coordenadas por docentes do curso, pelos próprios monitores, por estudantes que tinham domínio da técnica, bem como artesãos da cidade de Santos.

Os grupos de experimentação tinham aproximadamente uma hora e meia de duração e aconteciam sempre no final da tarde, sendo reservado um espaço para conversa inicial a fim de ambientar os discentes com relação à proposta e grupalizar as pessoas que ali estavam. Isso porque, embora todos fossem alunos do mesmo curso, nem todos se conheciam, e essa ambientação inicial poderia facilitar a realização da proposta. Ao final da oficina também era realizado um momento de conversa final, para discutir sobre como o conteúdo abordado foi compreendido por cada um, entendendo que nas oficinas há também o encontro singular do discente com uma técnica nem sempre conhecida por ele. Há nesse momento a chance de encontrar-se com o desconhecido e poder falar sobre sua vivência.

Para obter mais dados a respeito dos efeitos que as práticas propiciavam aos estudantes, foi elaborado um questionário semiestruturado, com perguntas abertas e fechadas, a ser respondido via *internet*. Neste havia perguntas acerca da percepção do aluno em relação ao material usado, da atividade proposta, do seu envolvimento pessoal, do propositor, da comunicação do grupo, da contribuição individual, da relevância do recurso, da possibilidade de utilização do recurso, da importância na formação acadêmica, entre outras. Com base nessas respostas, apresentaremos alguns

apontamentos sobre os impactos do projeto de monitoria na formação dos alunos.

3 Alguns Apontamentos

Os resultados deste projeto foram pautados em questionários respondidos pelos participantes dos grupos de experimentação e pela análise do grupo de monitores e docentes a partir das experiências das oficinas.

- A ampliação do repertório de atividades com os diferentes recursos e técnicas experimentadas pelos alunos

Segundo a análise dos questionários, 95% dos alunos que participaram das oficinas de atividades disseram que essa vivência colaborou para a ampliação do seu repertório de atividades. E também nos espaços de respostas onde os alunos podiam escrever sempre havia falas de agradecimento para essa questão. Isto é algo muito discutido no curso, pois tende-se a tornar uma questão menor o ensino de técnicas na contemporaneidade dos currículos, e convivemos com o fato de não querermos ser, enquanto profissionalidade, reconhecidos como 'oficinairos', 'artesãos' e/ou reprodutores de técnicas. Porém, isso nos leva invariavelmente a colocar esse conteúdo em um lugar de menor importância, quase inexistência, criando um conflito, pois quando os alunos vão para os campos de estágio, são questionados acerca da sua bagagem quanto ao seu repertório de atividade e apropriação de técnicas. Assim, a existência do projeto de monitoria fez com que o curso fortalecesse a centralidade do uso das 'atividades' e suas técnicas para dentro do escopo profissional do terapeuta ocupacional. Para além do repertório, os alunos também apontaram os aspectos que as experimentações dos diferentes recursos ampliaram na sua formação, que estão apresentados na Figura 1.

Esses aspectos são condizentes a diferentes habilidades e competências desejáveis para um terapeuta ocupacional. Reforçando o que Castro et al. (2009) nos traz sobre a formação no campo das atividades na contemporaneidade, que passa pela construção cotidiana das relações sociais e profissionais onde os terapeutas ocupacionais cada vez mais são convocados a atuar num exercício fundamentalmente transdisciplinar, sendo as dimensões acima mencionadas aspectos não específicos de uma dada profissionalidade, mas que compõem nosso escopo profissional no manejo da atividade humana.

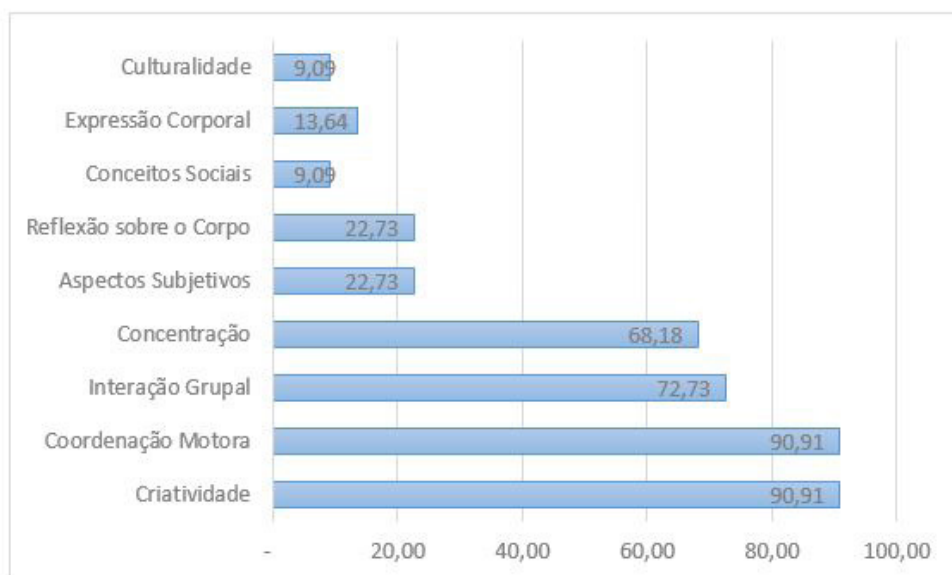


Figura 1. Dimensões trabalhadas nas Oficinas. Fonte: Dados provenientes do Questionário para os Participantes das Oficinas.

- Apropriação do laboratório de recursos e atividades

Este laboratório, utilizado para atividades de ensino e extensão, centraliza o fazer da formação. Nele ocorrem as aulas de atividades e recursos terapêuticos, porém observou-se que, fora dos horários das aulas, esse laboratório era pouco usado pelos estudantes para experimentações, elaboração de projetos ou encontros fora da atividade de sala de aula. Utilizá-lo para as oficinas oferecidas pelo projeto de monitoria possibilitou criar uma cultura de uso do laboratório, mesmo ele se encontrando em uma unidade diferente de onde se realizam as aulas.

- A maior interlocução entre os estudantes dos quatro diferentes termos do curso de terapia ocupacional

A potência dessa experimentação também residia na possibilidade do encontro entre os estudantes dos oito diferentes termos do curso de terapia ocupacional, lembrando que, por se tratar de um campus interdisciplinar, e o último ano sempre exigir mais atividades fora do campus por estarem cursando os estágios profissionalizantes nos serviços, as turmas têm pouco espaço para interagir. Além disso, foi reconhecido para além de um espaço de formação, como espaço de lazer e convivência, como nos afirma uma aluna: “[...] a vivência foi muito importante para mim, pois a semana estava cheia de afazeres e

foi um momento para que houvesse uma pausa para me divertir fazendo outra coisa”.

- A constituição de uma formação consistente na discussão dos recursos para o grupo de monitores, uma vez que assessoraram e direcionaram a coleta de informações necessárias para a organização das atividades da monitoria

Segundo os monitores, a participação nesse processo possibilitou uma valorização com o que eles nomeiam de ‘fazer em ato’. E cada proposta oferecida para os alunos era *cuidosamente-cuidada*, desde sua invenção, seu planejamento, a organização de materiais, a criação de melhores estratégias de condução do grupo e subsequente reflexão teórica na articulação entre o recurso em si e suas possibilidades de uso nos contextos de vida junto aos públicos-alvo da terapia ocupacional. Para além da riqueza do processo em si, ressaltam também o impacto positivo sobre suas formações proveniente do novo lugar ocupado por eles que foi a de coordenadores de grupos, uma vez que terapeutas ocupacionais são, invariavelmente, acionados a coordenar grupos e ações coletivas.

4 Conclusão

O projeto ofereceu oficinas de atividades com experimentação de diversos recursos para os discentes do curso de terapia ocupacional, possibilitando o uso do espaço do laboratório de recursos terapêuticos,

além da valorização da atividade para a ação profissional, que vai desde o conhecimento da técnica até a sua exploração para os diferentes contextos de atuação. A potência dessa experimentação residiu na possibilidade do encontro entre os estudantes dos quatro diferentes termos do curso de terapia ocupacional, propiciando a troca de experiência, o fazer junto, a ampliação de repertório de atividades e a articulação entre os diversos eixos e módulos, incluindo os estágios e os trabalhos em campo que compõe nosso curso.

Por fim, organizar atividades como as propostas pelo Projeto de Monitoria caminha no sentido de termos a existência de atividades formativas, parafraseando Bondiá, que passem, aconteçam, toquem, em especial, essa nova geração imersa em uma realidade mais virtual, de menos encontros.

E assim, cada vez mais é preciso inventar, reinventar, desinventar métodos, recursos e técnicas de ensino capazes de formar terapeutas ocupacionais mais sensíveis e afetos às demandas que emergem do sofrimento humano e que são complexas por sua natureza e condição. Seguimos no gerúndio, inventando.

Referências

BONDIÁ, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CES nº 6, de 19 de fevereiro de 2002. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de

Graduação em Terapia Ocupacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 4 mar. 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES062002.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

BRUNELLO, M. I. B.; CASTRO, E. D.; LIMA, E. M. F. A. Atividades humanas e terapia ocupacional. In: DE CARLO, M. M. R. P.; BARTALOTTI, C. C. *Terapia ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas*. São Paulo: Plexus, 2001. p. 41-59.

CASTRO, E. D. et al. Formação em Terapia Ocupacional na Interface das Artes e da Saúde: a experiência do PACTO. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 149-156, 2009.

FREIRE, P. *Paulo Freire & educadores de rua: uma abordagem crítica*. Brasil: UNICEF/SAS/FUNABEM, 1987.

FURLAN, P. G. et al. A formação profissional de Terapeutas Ocupacionais e o Curso de Graduação da Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 22, n. 1, p. 109-119, 2014.

KASTRUP, V.; SANCOVSCHI, B. Práticas de estudo contemporâneas e a aprendizagem da atenção. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 193-202, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO – UNIFESP. *Projeto Político Pedagógico do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Paulo*. São Paulo, 2015. Disponível em: <www3.unifesp.br/prograd/app/cursos/index.php/prograd/arq_projeto/784>. Acesso em: 10 ago. 2016.

WORLD FEDERATION OF OCCUPATIONAL THERAPY – WFOT. *Revised minimum standards for the education of occupational therapists*. USA, 2002. Disponível em: <<http://www.wfot.org.au>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

Contribuição dos Autores

Todos os autores contribuíram para a concepção do texto. Ana Carolina, Paloma e Victor participaram do projeto como monitores. Patrícia e Andrea foram coordenadoras e propuseram a redação do texto. Todos os autores revisaram e aprovaram a versão final do texto.

Fonte de Financiamento

Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal de São Paulo.

Notas

¹ Técnica usada para aplicar um desenho ou ilustração, através do corte ou perfuração em papel ou acetato, resultando em uma prancha com o preenchimento do desenho vazado por onde passará a tinta. O estêncil obtido é usado para imprimir imagens sobre inúmeras superfícies, do cimento ao tecido de uma roupa.

² Técnica de animação em que os personagens e o cenário são movimentados e fotografados quadro a quadro. Esses quadros são posteriormente montados em uma película cinematográfica, criando a impressão de movimento. Nessa fase, podem ser acrescentados efeitos sonoros, como fala ou música.